

## MARCAS DE SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM: O “EU” E O “TU” COMO ELEMENTOS ATIVADORES DA INTERAÇÃO DISCURSIVA

Francisco Renato Lima <sup>1</sup>

Maria Angélica Freire de Carvalho <sup>2</sup>

**Resumo:** A subjetividade é marcada na linguagem pela presença dos pronomes ‘eu’ e ‘tu’ em interação, construindo na instância discursiva o protagonismo do sujeito na linguagem. A partir desse pressuposto, este estudo objetiva refletir sobre como se constitui a singularidade do sujeito nas interações produzidas em situações de linguagem. Parte-se, principalmente, das contribuições teóricas da epistemologia benvenistiana (2005/2006), acerca da subjetividade na linguagem e da enunciação, a qual concebe o sujeito como partícipe do ato da linguagem. Argumentos teóricos de autores, como Bakhtin (2004/2009/2011), Ducrot (1995), Maingueneau (1998), Charaudeau (1999), são postos em diálogo com Benveniste; além de Paveau; Sarfati (2006) e Flores (2013) nas reflexões sobre as linguísticas enunciativas; conta-se, ainda, com Bronckart (2008, 2012) ao tratar do interacionismo sociodiscursivo. Em crítica à linguística da língua, as linguísticas enunciativas consideram as situações interacionais de falas entre os sujeitos autônomos no discurso, implicando a marca do sujeito no ato comunicativo, onde ele atua expondo intenções e direcionando o conteúdo de suas falas a partir da apropriação de formas específicas da língua, as quais o singularizam no ato comunicativo, assumindo a condição de sujeito, em consciência de si e do outro em construção no discurso.

**Palavras chave:** Linguagem. Enunciação. Subjetividade. Sujeito. Interação discursiva.

**Abstract:** *SUBJECTIVITY BRANDS IN THE LANGUAGE: “EU” AND “TU” LIKE ACTIVATORS ELEMENTS DISCURSIVE REPRESENTATION. The subjectivity is marked in the language by the presence of the pronoun ‘eu’ and ‘tu’ in interaction, building on the discursive instance the role of the subject in language. From this idea, this study aims to reflect about how it is the uniqueness of the subject in the interactions produced in language situations. We based too on the theoretical contributions of Benveniste epistemology (2005/2006), about subjectivity in language and enunciation, which conceives the subject as a participant in the act of language. Theoretical arguments of authors such as Bakhtin (2004/2009/2011), Ducrot (1995), Maingueneau (1998), Charaudeau (1999), are brought into dialogue with Benveniste; plus Paveau; Sarfati (2006) and Flores (2013) reflections on enunciation language; account is also with Bronckart (2008, 2012) when dealing with sociodiscursive interactionism. In criticism of linguistic language, enunciation language consider the interactional situations speeches between autonomous subjects in the speech, implying the mark of the subject in the communicative act, where it acts exposing intentions and directing the content of their speech from the appropriation of forms specific language, which single it in the communicative act, on the assumption that subject in awareness of self and the other under construction in speech.*

**keywords:** *Language. Enunciation. Subjectivity. Subject. Discursive Representation.*

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia (FSA) e Letras (IESM). Mestre em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI). Professor de Leitura e Produção de Texto na rede privada e pública de ensino básico e superior. E-mail: [fcorenatolima@hotmail.com](mailto:fcorenatolima@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Letras (UERJ). Mestre em Educação (UERJ). Doutora em Linguística (UNICAMP). Professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: [angelifreire@oi.com.br](mailto:angelifreire@oi.com.br)

*“[...] A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. [...] Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. [...] É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem [...]. [Ele] [...] não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo.*

(ÉMILE BENVENISTE, 2005, p. 285/2006, p. 85)

Segundo Benveniste (2006), o locutor se apropria do aparelho formal da língua, para construir com ela o aparelho formal da enunciação, ou seja, utiliza-se da língua – um ato individual - em situações específicas, colocando-a em funcionamento. Embora apoiado no estruturalismo saussuriano, o autor amplia os estudos linguísticos ao introduzir a noção do sujeito na linguagem, destacando a subjetividade no ato enunciativo. Mais do que uma ação recíproca e dialógica entre sujeitos sociais no mundo, a atividade de linguagem é o próprio lugar de interação e construção social da identidade dos sujeitos. Por isso, o princípio de interação proposto pelo autor pressupõe um emparelhamento discursivo entre os sujeitos no ato da enunciação: o “eu” e o “tu”, uma vez que a interação “exige e pressupõe o outro” (2006, p. 93).

As marcas de subjetividade que se constituem em e na linguagem ligam o sujeito ao mundo, singularizam-no e o situando no seu mundo particular, o qual é construído a partir das relações languageiras estabelecidas com o mundo social. Nesse sentido, a linguagem é própria ação da subjetividade, marcada no mundo pela enunciação, que se caracteriza pela “acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo” (2006, p. 87), estabelecendo, portanto, uma relação dialógica e obrigatória entre o “eu” e o “tu”, que alternam as funções dentro do discurso e criam as relações de intersubjetividade entre os sujeitos enunciadoreis.

Com a intersubjetividade, Benveniste (2005) destaca que o homem não existe fora da linguagem, posto que esta seja condição básica de sua existência. A forma do “dizer”, ou seja, a linguagem em movimento, em funcionamento operacional revela a subjetividade e a alteridade de cada indivíduo. Essa alteridade refere-se à condição do outro no discurso, o qual se constrói linguisticamente na interação discursiva.

Este estudo constitui-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, com base, principalmente, nas contribuições teóricas da epistemologia benvenistiana (2005/2006), acerca da subjetividade na linguagem e da enunciação, a qual concebe o

sujeito como partícipe do ato da linguagem, uma vez que a língua assume a “função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo” (2006, p. 229). As exposições teóricas orientam à conclusão de que a forma como cada sujeito enuncia expõe um caráter subjetivo e próprio da linguagem, ou seja, de construir sentidos e significados sobre o mundo, mediando a comunicação e o entendimento entre os falantes, que ressignificam seus papéis sociais, assumindo a condição de sujeito, em consciência de si e do outro em construção no discurso.

## **1 Linguagem e interação: perspectivas enunciativas**

Um mergulho historiográfico nas teorias linguísticas de perspectivas enunciativas confere a Benveniste o grau de ‘pai da enunciação’, uma vez a partir de seus estudos compreendeu-se que as ações sociais do sujeito no mundo são mediadas pela linguagem de tal modo que eles assumem ativamente papéis específicos em instâncias enunciativas. Inicialmente, apresenta-se a definição desse campo de estudo, a partir das perspectivas de Flores (2013, p. 107); para, em seguida, explorar seus principais domínios teóricos.

A Linguística da enunciação toma para si não apenas o estudo das marcas formais no enunciado, mas refere-se ao processo de sua produção: sujeito, tempo, espaço. A linguística da enunciação deve centra-se no estudo das representações do sujeito que enuncia e não no próprio sujeito, objeto de outras áreas.

Flores (2001) ainda complementa que, falar em teorias da enunciação (no plural) é devido elas estarem reunidas na linguística da enunciação (no singular), pois os teóricos Bally, Jakobson, Ducrot, Bakhtin, Culioli e outros apresentam traços comuns entre as abordagens enunciativas.

As linguísticas enunciativas operam em crítica à linguística da língua, a partir do estudo dos atos de fala e da produção de enunciados em situações reais de comunicação. Seus principais postulados são: a análise se dá a partir de uma linguística do código; adota a frase como unidade superior de análise; o mecanismo de produção dos sentidos é simples; no problema da fala, considera o esquema de comunicação de Jakobson, “no qual a fala aparece como um colóquio ideal entre dois indivíduos livres e conscientes e

que possuem o mesmo código” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 174); e o postulado da imanência, considerando a língua nela mesma e por ela mesma.

A teoria da enunciação implica a marca do sujeito no ato comunicativo, como elemento autônomo, que expõe suas intenções, direciona o conteúdo de suas falas, a partir da apropriação de formas específicas da língua que o singularizam no ato comunicativo. (PAVEAU; SARFATI, 2006). Benveniste define a enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (2006, p. 82); delimitando-se a análise da frase, pois “há para a língua duas maneiras de ser língua no sentido e na forma” (2006, p. 229), considerando a oposição entre o domínio semiótico, este que está no interior e no uso da língua e o domínio semântico, que diz respeito ao domínio da língua em uso, em ação. Ele trata da situação de enunciação, a qual inclui os dêiticos pessoais (o ‘eu’ e o ‘tu’ como os protagonistas da enunciação) e os dêiticos espaços-temporais (por exemplo, o ‘isto, aqui, agora’ possibilitadores de uma organização de sentido para o sujeito no ato da enunciação); os planos de enunciação (que distingue como o da história e do discurso); as modalidades de enunciação e de enunciados, entre outras definições que consideram a construção do sujeito ligada a sua interação com a linguagem.

Embora Benveniste seja considerado o pai da enunciação, destacam-se, segundo Paveau; Sarfati (2006), alguns nomes que o antecederam, como, por exemplo, Charles Bally e Mikhail Bakhtin. O primeiro trata do discurso indireto livre, relacionado a enunciação e a interação; o segundo, ao conceber a linguagem como essencialmente dialógica, considera a enunciação. Posterior a Benveniste, destaca-se outros estudiosos da enunciação, dentre eles: Oswald Ducrot, que a considera como um “acontecimento histórico constituído pelo fato de que um enunciado foi produzido, isto é, que uma frase foi realizada” (1995, p. 603); Dominique Maingueneau que a aponta como “o pivô da relação entre a língua e o mundo” (1998, p. 53); e Antoine Culioli, que trata das operações enunciativas abordando a relação entre as linguagens e as línguas, considerando que as elaborações teóricas só podem ser feitas a partir das produções dos locutores, nas situações da língua em uso. Trata dos níveis de representação da língua, que devem ser analisados: o das representações mentais, o das representações linguísticas e o das representações metalinguísticas. Substitui a frase como objeto de análise e adota o enunciado por si mesmo, como fundamento de análise. Também,

prefere o termo co-enunciação em vez de enunciação, ao considerar que no ato da enunciação, há uma simetria entre emissor e receptor.

Assim, a linguagem representa lócus de mediação entre os sujeitos enunciadore, que realizam ações linguageiras específicas e socio-historicamente construídas, a partir de um plano arquitetônico de seus atos de fala que os situam como os protagonistas dos construtos linguísticos dos quais participam socialmente. A enunciação, nesse contexto, define-se como fundamento teórico-epistemológico, contemplando as situações interacionais de falas entre os sujeitos no discurso, de modo que ela se dá no plano de ‘enunciações’, ou seja, no reconhecimento do outro, como elemento necessário para a construção do sujeito, considerando que “[...] eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo” (BAKHTIN, 2011, p. 373).

Nesse propósito de pensar a linguagem como possibilidade de interação e singularização do sujeito no ato enunciativo, remete-se a contribuição de Bakhtin, quem ao associar a enunciação e a interação verbal, considera o sujeito em interação com o meio em que o circunda, logo

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2009, p. 127) (Grifos do autor).

Do conceito bakhtiniano, extraem-se palavras-chaves, como ‘interação’ e ‘fenômeno social’; fundamentais para a ideia que se defende neste estudo: de que o sujeito se define, enquanto tal, a partir das atividades de linguagem das quais participa e nas quais interage socialmente. Essa compreensão remete, também, à ideia de que a enunciação é eminentemente social, uma vez que ela acontece dentro de um contexto sócio-histórico, estabelecida através de uma rede de interações discursivas entre os sujeitos enunciadore, posto que “a palavra é um território compartilhado, quer pelo expedidor, quer pelo destinatário” (BAKHTIN, 1981, p. 85), de modo que “nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e, em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu” (BAKHTIN, 2004, p. 79).

Essa interação discursiva se constitui, segundo Bakhtin (2009), a partir do movimento dialógico da enunciação, no qual situa um locutor ('Eu') e um interlocutor ('Tu') que, ao se utilizarem da linguagem, definem a própria existência (real ou virtual), mediada pelo princípio de "reação-resposta ativa responsiva", que se instala nas relações entre os sujeitos sociais, na medida em que todo ato enunciativo se dá em resposta a outro, até mesmo o silêncio é motivado por uma ação dialógica que o antecede; constituindo, assim, a ideia de que a linguagem é interacional e, portanto constitutiva entre os discursos dos sujeitos, pois "toda compreensão plena é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê)". (BAKHTIN, 2011, p. 272)

Nessa perspectiva, a linguagem como forma de interação é repleta de intenções de dizer; ao enunciar, o sujeito imprime em seu discurso suas experiências linguísticas, sociais, contextuais, culturais e cognitivas delineadas por meio de marcas linguísticas. Nessa ação de linguagem, ele estabelece a interação com o outro, vivenciando um acordo no qual a atividade de linguagem é o elemento oficializador dos propósitos da comunicação.

Esses propósitos funcionam como intenções particulares estabelecidas pelos sujeitos no discurso, explicitados conforme as ideologias e o meio social no qual se situam os interlocutores, permitindo que esses sujeitos se construam, a partir da natureza socio-histórica, ideológica e dialógica da linguagem, a qual, segundo Bakhtin (2011), da relação entre os sujeitos do discurso é que possibilitará o sentido do texto e a significação das palavras, entendendo-se o texto como prática social discursiva que pressupõe uma relação de interação entre autor, que tem um projeto de dizer, e um leitor, que a partir de redes inferenciais e outras estratégias de compreensão leitora, estabelece uma interação discursiva que o singulariza no mundo.

Dessa forma, a questão da interação entre sujeito e mundo, mediada pela linguagem, funda, a partir de Benveniste e Bakhtin, uma perspectiva enunciativa para os estudos linguísticos, apontando a enunciação como um ato individual de funcionamento da língua, implicando aspectos de intersubjetividade da linguagem (BENVENISTE, 2006) e as relações interacionais entre os participantes da linguagem, trazendo à cena o outro (BAKHTIN, 2009).

Os autores convergem suas teorias ao colocarem o sujeito no centro da reflexão sobre a linguagem, mas as divergem quanto à sua apropriação. Benveniste postula um locutor, definido como ‘eu’ que se apropria das formas da língua, requerendo um interlocutor, o ‘tu’; e, desse modo, a enunciação é um fenômeno individual. Bakhtin propõe o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem, afastando-se do subjetivismo, considerado idealista. Para ele a construção de sentido se dá na interação entre locutor e alocutário, o sujeito perde o papel principal, sendo substituído pelas vozes sociais e ideologias; por isso, a enunciação é um fenômeno social.

A partir do estudo das diferentes abordagens teóricas das linguísticas enunciativas evidencia-se a ideia da linguagem como forma de interação e interlocução do sujeito ao mundo, uma vez que por meio dela estabelecem-se relações de sentido, significado e significância social, nos contextos de enunciação, marcando, portanto, a subjetividade como trata Benveniste, e discute-se a seguir.

## **2 Linguagem, subjetividade e interacionismo sociodiscursivo: algumas articulações teóricas**

### ***2.1 Leituras de Benveniste***

Benveniste entende a subjetividade como “a capacidade do locutor para se propor como “sujeito” (2005, p. 286), de modo que “não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem” (p. 286), daí a percepção de considerar um sujeito egocêntrico, autônomo, e não apenas um elemento empírico na ação discursiva. Esse sujeito é demarcado socialmente nas entrelinhas do discurso, e ao dispor da língua em funcionamento, apropria-se de formas específicas, deixando transparecer a relação entre língua e sujeito enunciador; e, portanto, singularizando-se por meio da interação com e pela linguagem.

Quando o autor diz que “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. [...] É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem [...]” e que, portanto, “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (2005, p. 285). Ele opõe-se severamente à dicotomia saussuriana entre língua e fala, que limitou a questão do sentido apenas às

relações internas do sistema linguístico, considerando que um signo significa o que outro não significa, e assim, a questão da significação não se relaciona aos objetos fora da língua, no mundo; pois, embora Saussure reconheça que a língua é social, essa definição refere-se ao fato de ela constituir-se como uma capacidade de linguagem que todos têm, mas que a língua é “independente do indivíduo” (SAUSSURE, 2012, p. 51). Benveniste considera que pensar a língua dessa forma é tratá-la como “instrumento”, “é pôr em oposição o homem e a natureza” (p. 285); de tal forma, desconsiderar o papel do sujeito e dos elementos externos que interferem na enunciação.

A linguagem nessa perspectiva enunciativa assegura ao indivíduo o *status* de sujeito, que se define a partir de sua produção linguística, falada ou escrita, uma vez que a possibilidade de interação, por meio da linguagem liberta o homem do plano individual, da solidão e o coloca no plano social e coletivo, de participação e reconhecimentos de si e de outros nas esferas comunicacionais, em face de que é “essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*” (grifos do autor) (BENVENISTE, 2005, p. 286).

A interação pela linguagem, defendida por Benveniste e Bakhtin, pode ser explicitada nas situações de uso da língua, considerando-se, segundo Clark & Holquist (1998, p. 237) que “quando as pessoas utilizam a linguagem, não atuam como se fossem máquinas que enviam e transmitem códigos, mas como consciências empenhadas em um entendimento simultâneo: o falante ouve e o ouvinte fala”, ou seja, há uma relação de parceria, de cumplicidade que se instala, materializa-se explicitamente ou implicitamente no discurso, de modo que os sujeitos tornam-se parceiros do ato comunicativo e, assim, constroem seu lugar social no mundo.

Benveniste (2005, p. 288) diz que “é portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua”, e que essa subjetividade é identificada a partir do tratamento das categorias linguísticas relacionadas à pessoa, tempo e espaço, as quais apontam como pertencentes ao domínio do discurso; sendo, portanto, a possibilidade que o homem tem para constituir-se como sujeito na linguagem. Essa formulação é assim explicada:



Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem. Desses pronomes dependem por sua vez outras classes de pronomes, que participam do mesmo *status*. São os indicadores da *deíxis*, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações especiais e temporais em torno do “sujeito” tomando como ponto de referência: “isto, aqui, agora” e suas numerosas correlações “isso, ontem, no ano passado, amanhã”, etc. (BENVENISTE, 2005, p. 288) (Grifos do autor)

A formulação do autor aponta que essas categorias se organizam na instância discursiva, em situações que os sujeitos constroem como uma rede de interlocuções caracterizada por aspectos semióticos e semânticos. Segundo o autor: “Este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras” (2006, p. 230).

Cada sujeito realiza suas escolhas linguísticas, evidenciando sua singularização no discurso, construída a partir de seu conhecimento de mundo, do lugar social de onde fala e dos propósitos que pretende alcançar. Para tanto, ele articula e organiza ideias no plano textual-discursivo de maneira que produz um significado social no contexto em que está; e, ao mesmo tempo, constrói uma identidade particular como protagonista das situações de interação construídas pelo e no ato enunciativo.

## **2.2 Leituras de Bronckart**

Esse processo de organização do discurso, considerando o sujeito como partícipe do ato de linguagem, remete ao interacionismo sociodiscursivo proposto por Bronckart (2012) ao sugerir que as relações de cooperação entre os indivíduos na atividade de linguagem se dão de forma regulada e mediada pelas interações verbais e pelas atividades que Habermas (1987 *apud* BRONCKART, 2012), associou ao “agir comunicativo”. Esse “agir comunicativo” é desenvolvido por meio de um engajamento do sujeito nas formas do discurso e nas práticas sociais, orientado por “um modo de confrontação entre os elementos do mundo vivido que direcionam, primariamente, esse engajamento e os sistemas de conhecimentos formais, a partir dos quais se desenvolvem as avaliações sociais (as contestações e as justificativas) desse agir” (BRONCKART, 2008, p. 28). Para o autor “seria na cooperação ativa que se estabilizariam as relações designativas, como *formas comuns* de correspondência entre representações sonoras e

representações sobre quaisquer aspectos do meio, isto é, como **signos**, na acepção saussureana [...]” (BRONCKART, 2012, p. 33) (grifos do autor).

Esse caráter interacionista, designativo e estratégico da linguagem permite que ao enunciarem, os sujeitos organizem formas específicas de dizer, de acordo com as funções específicas de cada esfera da comunicação. Essas formas são enunciados se tornam semanticamente significativos à medida que as possibilidades de uso da língua são extrapoladas, reinventadas e transformadas no ato de linguagem.

Nessa dimensão, o homem é o construtor de si mesmo, é um agente de autotransformação, capaz de organizar seu espaço social no mundo por meio da apreensão de sentidos, pela qual constrói sua identidade de sujeito de ação, de maneira a individualizar-se sociodiscursivamente, através das possibilidades de dinamismo e mudança de *status* social, possibilitadas pelo movimento da linguagem.

### ***2.3 Leituras de Bakhtin***

As formas de “dizer”, que singularizam o sujeito na enunciação, organizam-se através de palavras, que segundo Bakhtin (2009, p. 42) “são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais, em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais”. Elas penetram “literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc.” (p. 42). E desse modo,

Ela é determinada tanto pelo fato de que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade [...] A palavra é território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2009, p. 17) (Grifos do autor)

A partir da concepção do autor, entende-se a palavra como uma ponte que intercambia os sentidos na interação discursiva. O ‘eu’ e o ‘tu’ se reconhecem na enunciação a partir do jogo de palavras que são postas em ação no ato enunciativo. Através das práticas discursivas os sujeitos vão “semantizar o semiótico” como diz Benveniste (2006), ou seja, a partir das situações de enunciação, de emprego da língua,

que diz respeito ao aspecto semântico, de domínio da fala, o sujeito constrói e realiza socialmente, por meio da linguagem, uma série de interlocuções, construídas a partir dos signos intralinguísticos, pertencentes ao interior da língua, o que permite dizer, então, que a enunciação é a significação social e pragmática da língua, em situações particulares e contextuais de uso.

#### **2.4 Uma leitura articulada**

Dessa forma, linguagem, enunciação e subjetividade (BENVENISTE, 2005, 2006; BAKHTIN, 2009) correlacionadas ao interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART, 2008, 2012) permite um entendimento da linguagem como meio de entrelaçar e de construir sentidos entre o mundo e o homem. Ainda, permite entender que ao apropriar-se da língua de forma individual (locutor) e agir discursivamente com a língua, o sujeito opera mecanismos cognitivos de escolhas e propósitos comunicativos, os quais atualizam o sistema linguístico, fazendo valer a máxima benvenistiana, de que “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância do discurso, que imana um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que sucinta uma outra enunciação de retorno” (2006, p. 83-84). Nesse processo figuram os dêiticos pessoais (o ‘eu’ e o ‘tu’) como os protagonistas da enunciação, expondo a subjetividade na e da linguagem; e, também, por meio do qual o sujeito constrói-se socialmente e define seu lugar no mundo, conforme se trata mais especificamente a seguir.

### **3 O “eu” e o “tu”: a singularidade do sujeito no ato enunciativo**

As marcas de subjetividade na linguagem se expressam pela presença dos pronomes ‘eu’ e ‘tu’, pois que é na instância discursiva que se constrói o protagonismo do sujeito na linguagem. Para Benveniste (2005, p. 286) “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*”; e, assim, estabelece-se uma relação dialógica entre os parceiros do ato comunicativo. Ainda sobre os sujeitos da enunciação,

Flores (2013, p. 90) bem apresenta uma distinção entre o *eu*, *tu* e o *ele*, da seguinte forma:

O Eu designa a pessoa que fala e implica ao mesmo tempo um eu enunciado sobre o “eu”: dizendo eu, não posso deixar de falar de mim. O caso do *tu* é semelhante, o *tu* é necessariamente designado por eu e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do “eu”, em outras palavras o *eu* e o *tu* tem traços em comuns, o que permite trata-los como integrantes de um mesmo conjunto: a categoria de pessoa. [...] Nada disso acontece com o *ele*, a 3ª pessoa, porém, é um predicado enunciado fora do “eu-tu”, essa forma é assim executada da relação pela qual “eu” e “tu” se especificam, daí ser questionável a legitimidade dessa forma como pessoa. (Grifos do autor)

Entendendo que a enunciação é estabelecida por meio da situação de comunicação e do emprego das formas, vê-se que ela possibilita que o sujeito se situe como protagonista de sua história de vida, em constante processo de troca entre os parceiros ou protagonistas do ato comunicativo (‘eu’ / ‘tu’). Essa interação evidencia uma participação ativa dos sujeitos no mundo, por meio das formas de utilização e relação com a linguagem, em sentido individual (a enunciação) e social (nos papéis sociais que assume por meio do discurso). Sobre o emprego das formas, o autor aponta:

As condições de emprego das formas não são, em nosso modo de entender, idênticas às condições de emprego da Língua, são em realidade, dois mundos diferentes, e pode ser útil insistir nesta diferença, a qual implica uma ou outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as descrever e de as interpretar (BENVENISTE, 2006, p. 81).

Concordando com Benveniste que diz que “o discurso como a linguagem posta em ação – e necessariamente entre parceiros – [...]” (2005, p. 284), Charadeau (1999) entende que essa relação se dá com o objetivo de alcançar sucesso e entendimento a partir do propósito comunicativo em que se situam os sujeitos enunciadorees. Dessa forma, o autor define que

O sujeito é, pois, um sujeito de comunicação definido por sua identidade psicológica e social, por um comportamento finalizado e pelas restrições que ele sofre se ele quer se inserir na interação (nessa perspectiva, ele é um <<isso>>). Ele se define também por suas próprias intenções para com o outro (e nessa perspectiva, ele é um <<eu>>) (CHARAUDEAU, 1999, p. 34).

A noção de sujeito é cara a esta discussão, uma vez que se trata justamente de entendê-lo dentro de um contexto social discursivo, a partir de uma abordagem enunciativa que compreenda a língua não como um instrumento isolado do homem, mas como parte dele, e que, portanto, ele age com e sobre ela, de forma a transformá-la, reinventá-la e inventar novas formas de dizer para o mesmo fenômeno no mundo. A partir disso, ele pode situar-se no mundo, de forma autônoma, interativa e construtiva. Nesse propósito, é importante compreender que

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*. (BENVENISTE, 2005, p. 289) (Grifos do autor)

As formas ‘vazias’ as quais o autor se refere, permite pensar as múltiplas possibilidades da língua, em que o homem, fazendo uso dos recursos ou mecanismos linguísticos vai organizar seu discurso em torno de uma construção de sentido que o torne construtor de uma imagem de si mesmo e do mundo que o cerca.

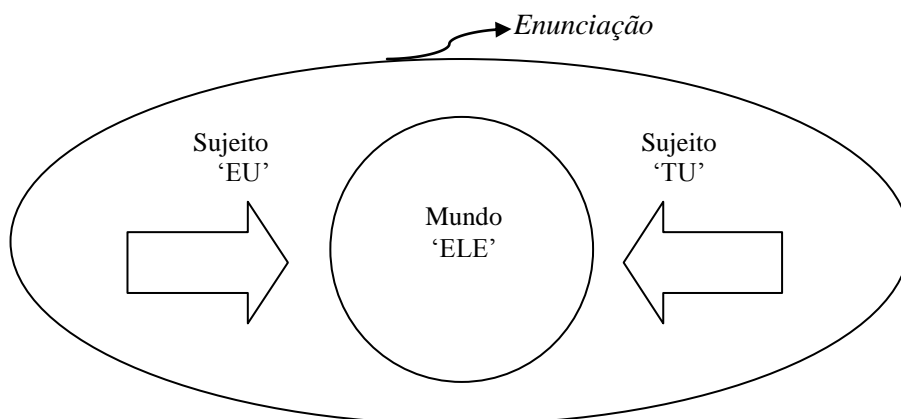
A linguagem é aí senão, um espelho no qual ele se ver refletido, e sobre o qual busca modelar sua imagem perante o individual e o social, de tal forma que se vale de seu caráter estratégico, teatral e intencional para organizar seu discurso no mundo, construindo a si mesmo, e modelando sua imagem perante o outro.

As relações imbricadas entre linguagem, formas discursivas, discurso e subjetividade constituem dessa forma, o mote para a compreensão do ‘eu’ e do ‘tu’ como elementos ativadores da interação discursiva e singularidade dos sujeitos no mundo por meio do ato individual de enunciação, uma vez que a interação a qual o autor refere-se representa não o contato físico/material da pessoa no mundo, mas as referências internas e dialógicas que as pessoas do discurso estabelecem na atividade de exercício da língua, tanto em seu domínio semiótico, que se refere às relações internas a língua, como ao domínio semântico, que se refere ao domínio externo da língua, onde o ato enunciativo vai definir-se socialmente.

A teoria da enunciação considera o ‘eu’ e o ‘tu’ como elementos constitutivos do discurso. O ‘eu’ constrói e regula seu discurso a partir de um ‘tu’ e, desse modo, as

escolhas as escolhas lexicais, sintáticas e semânticas são definidas a partir das relações que esses elementos estabelecem com o mundo. Veja-se o desenho dessa definição na Figura 1, abaixo:

**Figura 1:** A estrutura do ato enunciativo



**Fonte:** Autores, em leituras de Benveniste (2005/2006)

Neste esquema, adaptado de uma leitura de Benveniste, visualiza-se como se estrutura o ato enunciativo, a partir de como os dêiticos pessoais (‘eu’ e ‘tu’) marcam a questão da subjetividade do sujeito no mundo, mediada pelo discurso. Essa estruturação teórico-conceitual permite compreender a forma como homem, linguagem e mundo entrelaçam-se e, principalmente, como dentro da instância discursiva o sujeito assume papel de protagonista do ato enunciativo, singularizando-se, assim, no mundo.

Ao par *eu/tu* pertence particularmente uma correlação especial, a que chamaremos, na falta de uma expressão melhor, *correlação de subjetividade*. O que diferencia ‘eu’ de ‘tu’ é, em primeiro lugar, o fato de ser, no caso de ‘eu’ *interior* ao enunciado e *exterior* a ‘tu’, mas exterior de maneira que não suprime a realidade humana do diálogo. (BENVENISTE, 2005, p. 255) (Grifos do autor)

Nesse aspecto, o autor aponta para os pronomes como pessoas do discurso que apresentam uma unidade entre si, uma especificidade que ele define como ‘correlação de subjetividade’, como marca do princípio do diálogo e da interação no discurso, considerando a ‘realidade humana do diálogo’, ou seja, a linguagem só ganha vida e forma através dos discursos, da ação do homem no ato enunciativo, o que implica

considerar este homem como sujeito, construtor do seu mundo e partícipe dos contextos sociais nos quais se situa e exerce a atividade de linguagem.

Para Benveniste (2005), as intenções do ‘dizer’ marcam a subjetividade individual do sujeito no discurso, a partir da significação presente na instância discursiva, pois que “é na instância do discurso na qual “eu” designa o locutor que este se enuncia como “sujeito” (p. 288), e de tal forma, este sujeito é construído socialmente e linguisticamente na relação com o ‘tu’. Simultaneamente, no ato comunicativo, ao instituir-se um ‘eu’ pressupõe-se um ‘tu’, embora que o primeiro seja uma pessoa subjetiva e o segundo seja não subjetiva no discurso, e dessa forma “*ego* tem sempre uma posição de transcendência quanto a *tu*; apesar disso, nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares, mas segundo uma oposição “interior/exterior”, e ao mesmo tempo são reversíveis” (2005, p. 286).

Essa compreensão remete ao princípio da linguagem como forma de interação entre os sujeitos sociais que, em instâncias discursivas específicas, se apropriam das formas da língua, utilizando-as para denominar as coisas no mundo, ao mesmo tempo em que denominam a si mesmos nesse mundo. A forma como cada sujeito enuncia evidencia o caráter subjetivo e próprio da linguagem: de construir sentidos e significado sobre o mundo, mediando a comunicação e o entendimento entre os falantes. Estes ressignificam seus papéis sociais, conforme vão assumindo a condição de sujeito, em consciência de si e do outro que surge a partir de seu próprio discurso.

Portanto, cabe destacar, a partir disso, que a linguagem é um campo referencial do sujeito; a enunciação é o ato individual desse projeto; o discurso é materialidade social do ‘dizer’; as palavras comportam e designam os significados e os sentidos das coisas; e o homem é o que é, a partir do que diz no e sobre o mundo, imprimindo sua marca de sujeito, evidenciada pela presença dos dêiticos ‘eu’ e ‘tu’ como elementos que marcam o aspecto de subjetividade na linguagem e a singularidade do sujeito no mundo.

### **Considerações Finais**

À luz do que se refletiu acerca de subjetividade e linguagem, tomando por base principalmente os estudos de Benveniste (2005/2006), com foco na questão da singularidade do sujeito no mundo, mediada pela atividade de linguagem, considera-se

que, ao colocar o homem como participante do ato de linguagem, significa romper com uma visão estruturalista de Saussure a qual concebe a língua como um sistema de signos constituída de significado (conceito) e significante (realização acústico-sonora); apontando, assim, para a subjetividade como aspecto que emana da essência humana, da relação que esse homem pratica com a linguagem, exercendo papéis sociais e singularizando-se em seus contextos de fala.

Nesse processo, as linguísticas enunciativas têm papel determinante, uma vez que apresentam o sujeito falante, o contexto de enunciação e as histórias desses sujeitos como interligados ao ato de linguagem. A enunciação, dessa forma, é uma das principais correntes teóricas a aprofundar o estudo sobre essa questão, tendo como um de seus principais autores Benveniste, quem ao escrever o texto “Aparelho formal da enunciação” em 1970 e publicá-lo em “Problèmes de Linguistique Generale II” em 1974, traz à tona essa discussão; e que complementa a ideia de considerar o sujeito como participante da atividade de linguagem, já defendida anteriormente por ele, no texto: “Da subjetividade na linguagem”, publicado em “Problèmes de Linguistique Generale I”, em 1966. Ambos os textos constituíram a principal fonte para a construção dos argumentos defendidos neste estudo.

Após essas considerações, conclui-se que considerar a linguagem sob essa ótica, é entendê-la como espaço de interação e atuação do sujeito nas atividades humanas, em que os falantes constroem seu lugar no mundo a luz da enunciação, individualizada pro meio de cada discurso. Essa visão permite entender que os sujeitos tornam-se singulares no mundo a partir da subjetividade na linguagem, marcada pela relação entre o ‘eu’ e o ‘tu’, como elementos ativadores da enunciação e do princípio dialógico da linguagem. Portanto, observa-se, desse modo, que Benveniste opera uma ruptura com a visão “estratificada” de língua, possibilitando um alargamento da análise enunciativa que se estende a todos os níveis da língua.

## Referências

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.



- \_\_\_\_\_. *O freudismo*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2006.
- BRONCKART, J-P. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2012.
- CHARAUDEAU, P. Análise do discurso: controvérsias e perspectivas. In: MARI, Hugo; PIRES, Sueli; CRUZ, Amadeu Roselli; MACHADO, Ida Lúcia (orgs.). *Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: UFMG /FALE, 1999. p. 27-43.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DUCROT, O. *Princípios de Semântica Linguística Dizer e Não Dizer*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- FLORES, V.; TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística de enunciação*. São Paulo: Contexto, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.
- MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- PAVEAU, M-A; SARFATI, G-E. As linguísticas enunciativas. In: \_\_\_\_\_. *As grandes teorias da linguística: da gramática comparativa à pragmática*. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 173-190.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.